

**LIBRAS: ASPECTOS LINGUÍSTICOS E DIVERSIDADE
CULTURAL DA COMUNIDADE SURDA**

Joicy de Souza Ribeiro Quitete (UENF)

joicyquitete@yahoo.com.br

Bianka Pires Andre (UENF)

biankapires@pq.uenf.br

RESUMO

Na educação do surdo evidencia-se um cenário de lutas e transformações, pois, a educação como um direito universal, que pressupõe que todos, sem discriminação possam participar de um processo educativo qualitativo sempre foi o objetivo a ser conquistado pela comunidade surda. Então, a busca pela equidade é basilar, e a valorização da Libras (Língua Brasileira de Sinais) como língua da comunidade surda no contexto escolar poderá fazer toda diferença no processo de ensino e aprendizagem do aluno surdo. Nesta perspectiva, o presente estudo visa apresentar a riqueza linguística da Libras, visibilizando seus aspectos culturais, compreendendo a complexidade da Libras, sua estrutura linguística. A pesquisa de cunho qualitativo descritivo, abrange fontes bibliográficas como as obras de Gesser (2009), Skliar (2005), Quadros (2009) e documentos como a Lei Federal nº 10.436/2002 que oficializa a Libras como língua da comunidade surda brasileira, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (2015) e a Política Nacional de Educação Especial: equitativa, inclusiva e com aprendizado ao longo da vida (2020). Desta forma, considera-se a Libras como uma língua que deverá ser reconhecida como forma de comunicação e expressão da comunidade surda, onde surdos e ouvintes possam interagir de forma significativa no processo educativo inclusivo.

Palavras-chave:

Educação. Libras. Identidade surda.

ABSTRACT

In the education of the deaf, a scenario of struggles and transformation is evident, since education as a universal right, which presupposes. That everyone, without discrimination, can participate in qualitative educational process has always been the objective to be conquered by the deaf community. So, the search for equity is fundamental and the recognition and appreciation of Libras (Brazilian Sign Language) as the language of the deaf community in the school context can make all the difference in the teaching and learning process of the deaf student. In this perspective, the present study aims to present the linguistic richness of Libras, making its cultural aspects visible, understanding the complexity of Libras, its linguistic structure. The descriptive qualitative research covers bibliographic sources such as the works of Gesser (2009), Skliar (2005), Quadros (2009) and documents such as the Federal Law No. 10.436/2002, the Brazilian Law for the Inclusion of Persons with disability (2015) and the National on Special Education: equitable, inclusive and lifelong learning (2020). In this way, Libras is considered as a language that should be recognized as form of communication

and expression of the deaf community, where deaf and hearing people can interact significantly in the inclusive educational process.

Keywords:
Education. Libras. Deaf identity.

1. Introdução

A língua materna de um povo é a expressão da sua identidade, assim, acontece com a comunidade surda, onde surdos e ouvintes reconhecem como aprendizes ou com domínio linguístico da Língua Brasileira de Sinais, interagindo de forma significativa e fortalecendo cada dia mais a conquista da Libras como uma língua oficialmente reconhecida no Brasil a partir da Lei Federal nº 10.436/2002.

Com seu reconhecimento em âmbito nacional, a Libras tem disseminado com uma proposta de inclusão por meio da acessibilidade comunicacional, visto que por longos séculos os surdos viveram com sua identidade cultural ameaçada pelo o ouvintismo, que no seu discurso excludente exalta a necessidade de o surdo aprender a falar para adaptar-se à cultura dos ouvintes.

Neste contexto pela efetivação da inclusão, as instituições de ensino atualmente possuem uma base legal por meio das políticas públicas que objetivam que os direitos dos surdos sejam evidenciados e executados em todas as áreas, principalmente a educacional.

Desta forma, o presente estudo visa apresentar a riqueza linguística da Libras, visibilizando seus aspectos culturais, compreendendo a complexidade da Libras, sua estrutura linguística. A pesquisa está pautada em uma abordagem qualitativa descritiva, por meio de análise de fontes bibliográficas como as obras de Gesser (2009), Skliar (2005), Quadros (1997; 2019) e documentais como a Lei Federal nº 10.436/2002 que oficializa a Libras como língua da comunidade surda brasileira, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (2015) e a Política Nacional de Educação Especial: equitativa, inclusiva e com aprendizado ao longo da vida (2020).

A partir dos estudos introdutórios, a pesquisa apresenta a Libras como identidade cultural do surdo, posterior os estudos evocam as questões linguísticas sobre a Libras, em seguida ressalta a importância do profissional intérprete/tradutor de Libras como mediador entre surdos e ouvintes e conclui dando ênfase ao cenário desafiador da disseminação da Libras e propulsor enquanto língua e identidade cultural.

2. Libras: língua materna e identidade cultural

Os estudos sobre Libras como língua materna e identidade cultural do surdo estão sendo expandido e a concepção errônea que o surdo precisa se normatizar (aprender a falar) para fazer parte da sociedade está minimizando. O reconhecimento da Libras enquanto identidade do surdo permitiu transformações significativas pois valida que “a construção das identidades não depende da maior ou menor limitação biológica, e sim de complexas relações linguísticas, históricas, sociais e culturais” (SKLIAR *apud* GESSER, 2009, p. 46).

Assim, a disseminação da Libras enquanto identidade cultural e língua materna tem fortalecido diversas áreas, aqui ressalta-se a educacional, onde ouvintes e surdos precisam de comunicação ativa para ambos participarem do processo de ensino e aprendizagem de forma plena. O direito do aluno surdo precisa ser respeitado, sua cultura valorizada e todas as barreiras excludentes derrubadas, pois

Art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem. (BRASIL, 2015)

Desta forma, o aluno que tem sua identidade cultural surda precisa ser respeitado e as Libras conforme prevê a Política Nacional de Educação Especial: equitativa, inclusiva e com aprendizado ao longo da vida por meio do decreto 10. 502/ 2020, deverá fazer parte do processo educativo conforme o Art. 6º estabelece:

I – oferecer atendimento educacional especializado e de qualidade, em classes e escolas regulares inclusivas, classes e escolas especializadas ou classes e escolas bilíngues de surdos a todos que demandarem esse tipo de serviço, para que lhes seja assegurada a inclusão social, cultural, acadêmica e profissional, de forma equitativa e com a possibilidade de aprendizado ao longo da vida; II – garantir a viabilização da oferta de escolas ou classes bilíngues de surdos aos educandos surdos, surdocegos, com deficiência auditiva, outras deficiências ou altas habilidades e superdotação associadas; III – garantir, nas escolas ou classes bilíngues de surdos, a Libras como parte do currículo formal em todos os níveis e etapas de ensino e a organização do trabalho pedagógico para o ensino da língua portuguesa na modalidade escrita como segunda língua; e IV – priorizar a participação do educando e de sua família no processo de decisão sobre os serviços e os recursos do atendimento educacional especializado, considerados o impedimento de longo prazo e as barreiras a serem eliminadas ou minimizadas para que ele tenha as melhores condições de participação na sociedade, em

igualdade de condições com as demais pessoas. (BRASIL, 2020)

Então, enquanto língua, faz-se necessário reconhecer as potencialidades da Libras, uma conquista da comunidade surda, uma herança cultural que vai sendo construída e reconstruída a todo momento a partir de interações significativas, visto que “linguisticamente, pode-se afirmar que a língua de sinais é língua porque apresenta características presentes em outras línguas naturais e, essencialmente, por que é humana” (GESSER, 2009).

Nesta perspectiva, de identidade cultural, Skliar (2005, p. 54) evidencia o relato de uma mulher surda de 25 anos, onde ressalta no seu discurso que “aquilo no momento do encontro com os outros surdos era o igual que eu queria, tinha a comunicação que eu queria. Aquilo que identificava eles identificava a mim também, e fazia ser eu mesma, igual”. Portanto, o que fez e faz a diferença na comunicação do surdo na sociedade é encontrar pessoas ouvintes e surdas que consigam compreender e dialogar de forma harmoniosa através da língua de sinais, a Libras no Brasil.

Em uma das suas obras, Skliar (2005) apresenta múltiplas identidades surdas, as identidades permitem reconhecer o surdo na sua dimensão histórica, assim, o autor nomeia como: identidades surdas, identidades surdas híbridas, identidades surdas de transição, identidade surda incompleta e identidades surdas flutuantes.

Nas **identidades surdas** estão os surdos que possuem uma experiência visual forte, a comunicação é visual, por meio da língua de sinais. Já nas **identidades surdas híbridas** os surdos nasceram na cultura ouvinte e com o tempo ficaram surdos. As **identidades surdas de transição** são os surdos que por determinado tempo viveram as experiências dos ouvintes e posterior passam a vivenciar as experiências da comunidade surda. Diferentemente, a **identidade surda incompleta** é pautada nos princípios ouvintistas, o surdo é socializado na comunidade ouvinte, essa identidade é a negação da identidade surda. Por fim, há as **identidades surdas flutuantes** são surdos que tentam seguir a ideologia da concepção dos ouvintes, assim, não conseguem interagir de forma significativa com a comunidade surda e nem com a comunidade ouvinte (Cf. SKLIAR, 2005).

Considerar cada identidade surda emerge como diferencial no processo de ensino e aprendizagem do aluno surdo, pois, essas contextualizações serão imprescindíveis no momento de organizar e efetivar práticas educativas inclusivas que poderão ter significado na vida do surdo e ser significante para sua construção histórica.

Portanto, as instituições escolares precisam propiciar de forma

harmoniosa as interações entre surdos e ouvintes, para que ambos possam desenvolver suas habilidades de forma a respeitar cada cultura. Neste viés, ressalta-se a necessidade de conhecer a Libras e sua estruturação linguística.

3. Questões linguística sobre a Língua Brasileira de Sinais

A Língua Brasileira de Sinais é símbolo de lutas e conquistas da comunidade surda, que por séculos foram excluídos de exercer seus direitos por uma sociedade discriminatória e preconceituosa. Essas ações opressoras estão perdendo forças por meio das políticas públicas que visam atender e efetivar os direitos dos surdos.

Assim, quando o Brasil (2002) reconhece a Libras como meio de comunicação e expressão da comunidade surda, surge nossas expectativas, pois, como língua de sinais é considerada a língua natural do surdo, faz parte da comunidade surda, portanto, não poderá ser considerada uma língua artificial, visto sua construção histórica e processual para atender as especificidades da comunidade surda, de pessoas no processo de comunicação interagem, estabelecem vínculos, dialogando em construção cultural por meio da Libras, pois

A comunicação humana é essencialmente diferente e superior a toda outra forma de comunicação conhecida. Todos os seres humanos nascem com os mecanismos da linguagem específico da espécie, e todos os desenvolvem normalmente, independente de qualquer fator racial, social ou cultural. (SÁNCHEZ *apud* QUADROS, 1997, p. 45)

Na percepção de raiz cultural e com significado, a Libras possui conexões para além das políticas públicas, pois, como língua possui gramática própria “o reconhecimento linguístico tem marca nos estudos descritivos do linguística americano Willian Stoke em 1960” (GESSER, 2009, p. 13).

Desta forma, como língua possui níveis Fonológico (fonética e fonologia), Morfológico, Sintaxe e Semântico-pragmático que na Libras realizam a estruturação e organização das formas de comunicação entre os sinalizantes³⁵ considerando que são “formadas a partir de unidades simples que, combinadas, formam unidades mais complexas” (GESSER, 2009, p.

³⁵ “Análoga a ‘falante’, mas que ‘fala’ uma língua de sinais, ou seja, a pessoa que sinaliza uma língua de sinais” (QUADROS, 2019, p. 34).

19).

Compreender que a Libras possui uma gramática é compreender que seus níveis estruturais possuem outras características relevantes como “a produtividade/criatividade, a flexibilidade, a descontinuidade e a arbitrariedade” (GESSER, 2009, p.27). Assim percebe-se a complexidade da língua de sinais como qualquer outra língua oral.

A produtividade/criatividade está relacionada as possibilidades de combinações de sinais para formação e produção de conceitos. Na flexibilidade ressalta-se o aspecto da versatilidade da língua em relacionar diferentes tempos, ações e outras formas de expressão. A descontinuidade vincula-se a contextualização dos sinais, assim, mesmo que o sinal seja igual a outro (laranja e sábado) ou parecidos (palhaço e cachorro), o contexto da sinalização evidenciará o sinal correto e compreensão do significado. Em relação a arbitrariedade do sinal é característica própria das línguas, então muitos sinais não possuem iconicidade³⁶ com o seu significado (Cf. GESSER, 2009).

Outra particularidade da língua de sinais é a compreensão que o alfabeto manual não é língua de sinais, desta forma, caracteriza-se como “um recurso utilizado por falantes da língua de sinais. Não é uma língua e sim um código de representação das letras alfabéticas” (GESSER, 2009, p. 28). O alfabeto manual é conhecido como datilologia, assim, sua utilização acontece para soletrar nomes próprios, siglas ou palavras que não tem sinal ou desconhece o mesmo.

O alfabeto manual brasileiro possui 27 formatos, considerando a letra Ç, “cada formato da mão corresponde a uma letra do alfabeto do português brasileiro” (GESSER, 2009, p. 30). Outra característica relevante do alfabeto manual são as formas das mãos que são iguais para letras diferentes como as letras H, K e P que possuem a mesma configuração de mão, contudo as outras especificidades os diferenciam como a orientação e movimento da mão.

³⁶ “Remetem às formas e modos do mundo real e são representados de forma visualmente semelhante ao que está sendo referido” (QUADROS, 2019, p. 32).

Figura 1: Alfabeto Manual



Fonte: Disponível em: <https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/4121/4/Apostila%20em%20LIBRAS%20-%20Curso%20B%C3%A1sico%20ENAP%202019.pdf>.

Solettrar o alfabeto manual é considerar que o emissor e receptor são letrados, caso contrário, não haverá significado da soletração para ambos. Portanto, há especificidades para utilizar o alfabeto manual, ressaltando que cada país possui um alfabeto manual, assim como a língua de sinais, que tem o título de não universal justamente pela consideração cultural de cada país onde as comunidades surdas se desenvolvem socialmente.

Considerando as implicações da Libras como língua oficial do Brasil (2002), é importante mencionar que a mesma não é a língua portuguesa sinalizada, pois, possui sua gramática própria como afirmado anteriormente neste estudo, sendo considerada “autônoma, ou seja, independente de qualquer língua-oral em sua concepção linguística: educacionalmente o uso do português sinalizado tem sido alvo de muitas críticas, porque se insere na filosofia do bimodalismo” (GESSER, 2009, p. 33).

No bimodalismo a língua de sinais tem como objetivo representar a língua oral do país, assim, não consegue “preservar as estruturas das duas línguas usando língua de sinais para falar a língua oral” (GESSER, 2009, p. 33). Desta forma, o bimodalismo é ineficiente quando o respeito linguístico não é evidenciado pela descaracterização da língua de sinais, a Libras, que tem sua gramática própria quanto aos níveis fonológico, morfológicos, sintaxe, semântico-pragmático.

Nível Fonológico

O nível fonológico concentra-se nos estudos da fonética e

fonologia. Como a Libras é uma língua visual e especial, sua estrutura fonética e fonológica permite sinais articulados com a utilização do tronco, mãos, dedos e face (Cf. QUADROS, 2019).

Na língua de sinais, a fonética está relacionada com “produção e percepções de articuladores manuais e não manuais” (QUADROS, 2019, p. 49). Assim, na fonética a construção de sinais envolve articulação motora (manuais) e visuais (expressões faciais e corporais). Nesta perspectiva de formação de sinais, a fonologia está inserida para a “representação mental dessas formas identificando quais elementos são contrastivos” (QUADROS, 2019, p. 49).

Na fonética das línguas de sinais a Configuração de Mão (CM), a Orientação (O), a Localização (L) e o Movimento (M) são fonemas utilizados nos sinais. A configuração de mão está presente em todos os sinais.

Figura 2: Configurações de Mãos.



Fonte: Disponível em: https://livrodigital.uniasselvi.com.br/MAT52_lingua_brasileira_de_sinais_libras/unidade2.html?topico=2 Acesso em: 21 ago. 2022.

De acordo com o Grupo de pesquisa do curso de Libras do INES citado por Quadros (2019) há 79 configurações de mãos. A configuração de mão permite a existência de sinais diversificados, considerando que há diversos sinais para como uma mesma configuração de mão, como os sinais de desculpa, triste e avisar que possuem a configuração da letra Y, do alfabeto manual brasileiro e configuração de mão número 64.

A orientação da palma da mão está articulada com a configuração

de mão, portanto, permite formas de articuladas entre dedos, palmas da mão, punho, parte de trás da mão e o radial ulnar (QUADROS, 2019).

A orientação da palma da mão permite é muito importante na percepção do sinal, pois, faz distinções com outros sinais parecidos. Diferentemente dos sinais que são iguais, os quais o contexto que situará o receptor dos sinais. Ressalte-se que essas características estão presentes nas línguas orais, como o caso de palavras parônimas e homônimas.

A locação é o local em que as mãos realizam o sinal. Segundo Hulst e Kooji *apud* Quadros (2019, p. 52) “as principais locações (corpo, mão, braço, cabeça, pescoço e espaço neutro propostas por Battison, 1978) são os espaços dentro dos quais as mãos se movem.

Os locais onde os sinais ocorrem podem ou não modificar o significado do sinal, como o sinal de laranja e aprender que possuem a mesma configuração de mão, orientação da palma da mão e movimento, contudo, acontecem em locais distintos. Em relação ao sinal laranja e sábado não há distinção no local do sinal, portanto, o que irá variar será a contextualização.

Figura 3: Sinais respectivamente de sábado, aprender e laranja.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 10/ 2022.

Os movimentos são identificados de acordo com o tipo, assim, de acordo com Quadros (2019, p. 53), poderá ser: “a) direcional; b) local (mudança de abertura e mudança de orientação)”. Desta forma, é possível identificar diversos tipos de movimentos como para cima, para baixo, para o lado, circulares, de abrir e fechar, para frente, para trás, a diversidade dos movimentos varia de acordo com o sinal.

3.2. Nível Morfológico

Na língua de sinais o nível morfológico está relacionado com a

formação dos sinais, desta forma, “os aspectos gramaticais são percebidos alterando-se a direção dos movimentos, o ritmo ou a forma do percurso do sinal. Esse tipo de flexão é observado em um conjunto de verbos da língua de sinais, os chamados verbos de concordância, assim, como na marcação de número em substantivos e nos classificadores” (QUADROS, 2019, p. 72).

Desta forma, os sinais são sinalizados a partir das entonações que o sinalizante deseja expressar quanto por exemplo a quantidade, ao número. Assim, quando o sinalizante deseja no seu diálogo expressar casa, casas e muitas casas, a intensidade do sinal mudará de acordo com as representações simbólicas no contexto evidenciado.

Figura 4: Sinal de casa e casas.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 10/ 2022.

Outra questão relevante é que o sinal poderá ser formado com a utilização de dois sinais, assim, os sinais perdem seu significado inicial e se tornam morfemas, visto que juntos originou-se um novo sinal (Cf. QUADROS, 2019).

Quadros (2019), ressalta uma exemplificação clara sobre essa formação de sinais, apresentando o sinal de igreja (casa + cruz) e o sinal de escola (casa + estudar). Há outros sinais como menino e menina que possuem a formação sequencial de dois sinais, que Quadros (2019) nomeia como derivacional pois, “adicionam-se elementos que se ligam concatenadamente aos sinais como afixos, resultando em processos de gramaticalização dessas línguas” (QUADROS, 2019, p. 73).

Figura 5: Sinal de menino.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 10/ 2022.

Os classificadores estão presentes no nível morfológico, estão relacionados a representatividade visual e motora, por isso que há a iconicidade dos classificadores onde as configurações de mãos são associadas a movimentos e representações icônicas (Quadros, 2019). Desta forma, os classificadores representam seres inanimados, dão ‘vida’ aos sinais, assim, a contextualização ficará mais próximo do real, principalmente quando há interpretações de outras línguas.

Quadros (2019) menciona que os classificadores possuem tipos distintos como tamanho e forma, entidade e manipulação. Assim, por exemplo ao sinalizar toalha de rosto sendo dobrada utilizo o classificador de manipulação do objeto que estou dobrando, a sinalização indicará o movimento ao manipular o objeto especificado.

Nível Sintaxe

Os estudos sobre a língua de sinais avançam e conduzem estruturas e organizações de frases, assim, pode-se afirmar de acordo com Quadros (2019) que existe uma ordem básica para estruturação frasal em Libras, onde as ordenações das palavras seguem SVO (sujeito/ verbo/ objeto).

A ordem básica na Libras é aquela na qual identificamos a presença de um sujeito, de um verbo e de um objeto realizados, sem marcação não manuais específicas, e ou sem informações sintáticas sendo operadas. Quando há um verbo que seleciona um argumento interno e um argumento externo sem marcas sintáticas ou prosódicas adicionais, observamos que a ordem é SVO (QUADROS, 2019, p. 91).

Assim, Greenberg *apud* Quadros (2019) menciona que há outras combinações básicas sem ser a SVO que poderão ser encontradas nas línguas de sinais como SOV (sujeito/objeto/verbo) e VSO (verbo/sujeito/objeto), corroborando com um estudo desenvolvido que

Nosso estudo identificou várias ordenações possíveis, além da ordem básica. Elas foram identificadas mediante interação com outros elementos da língua que permitiam ou forçavam a mudança na ordem básica. Entre eles, foram observados fenômenos de tipologia verbal assimétricas (com representações para verbos simples e outra representação para verbos com concordância), a negação, a topicalização, a marcação de foco por meio de ênfase ou duplicação, as construções interrogativas e, também, sentenças incluindo um tipo de auxiliar. Tais fenômenos sintáticos evidenciam a complexidade linguística da Libras (Quadros, 2019, p. 90).

Desta forma, as ordens das palavras nas frases estão direcionadas para os tipos de verbos empregados. Quadros (2019) ressalta dois tipos de verbo:

a) verbos simples: um conjunto de verbos que não apresenta marcas de concordância (número e pessoa), embora possa ter marcações aspectuais e marcações locativas; b) verbos com concordância: um conjunto de verbos que apresenta marcas de concordância por meio do movimento direcional aplicado ao verbo (locativo, número e pessoa) (QUADROS, 2019, p. 93).

Quando os verbos forem de concordância haverá possibilidades de diferentes ordens das palavras nas frases, como SVO, SOV e OSV. Ressalta-se que a ordem OSV (objeto/ sujeito/ verbo) está presente em muitas das construções topicalizadas,

[...] nas quais o objeto é introduzido inicialmente para informar o que está sendo falado para, só então a sentença ser apresentada. Nesse tipo de estrutura...o objeto está associado a uma marca não manual, representado pela elevação das sobranceiras. (QUADROS, 2019, p. 100)

Então, observa-se a importância das expressões faciais nas representatividades das frases, como por exemplo as frases interrogativas onde os pronomes interrogativos são evidenciados na expressão facial. Assim, não haverá dúvida de o sinalizante está afirmando ou perguntando.

Nível Semântica e pragmática

Os estudos relacionados com a semântica e pragmática da língua de sinais são considerados baixos, essa característica está relacionada especificamente pois a Libras no Brasil tem seus estudos aproximadamente 42 anos, visto que as pesquisas sobre Libras iniciaram na década de 1980 (Cf. QUADROS, 2019).

Em relação a semântica, Quadros; Karnopp (2004, p. 21-2) afirma ser “o estudo do significado da palavra e da sentença” e sobre a pragmática que “envolve as relações entre linguagem e contexto”.

Todas as relações do contexto são base ou contribuem e interferem na relação da significação e do uso. Estas características ocorrem, naturalmente, em língua de sinais. Podem aparecer por intermédio de traços prosódicos que se realizam pelas expressões faciais (sorriso, musculatura facial, de modo geral) manuais (lentidão ou rapidez, suavidade ou rigidez) ou corporais. (FERNANDES, 2003, p. 43)

Portanto, semântica e pragmática estão relacionados com o significado da palavra no contexto que é sinalizado, pois há necessidade de compreensão e contextualização para que seja significativa.

4. Considerações finais

A educação do surdo poderá ser promissora quando valoriza a cultura surda, pois, a Libras é reconhecida e validada como língua é marca a identidade do aluno surdo no contexto onde a diversidade impera.

Desta forma, como língua materna, a Libras potencializa o processo de ensino e aprendizagem inclusivo, pois o aluno surdo compreende seu valor dentro de um cenário educativo predominantemente ouvintes como das escolas regulares.

A compreensão da estrutura linguística da Libras minimiza concepções errôneas que inferiorizaram a língua de sinais por longos séculos, assim, o surdo pode ser compreendido para além da sua surdez, da questão patológica.

Os sistemas educativos deverão fortalecer práticas educativas inclusivas, delineando ações que irão ao encontro das necessidades dos alunos surdos, portanto, fortalecendo as interações entre surdos e ouvintes em um processo educativo harmonioso, onde é basilar a busca pela equidade e extermínio dos preconceitos que de forma opressora poderá destruir e limitar o desenvolvido do surdo.

A Libras, é sinônimo de lutas e conquistas, seu reconhecimento deverá preceder as menções das legislações vigentes e contemplar sua disseminação para surdos e ouvintes, assim, como uma língua complexa como a língua portuguesa, a Libras fará parte do cotidiano de todos os alunos e não haverá empecilhos para a acessibilidade comunicacional do surdo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. *Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília, 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 01 out. 2021.

BRASIL. *Lei nº 13.146 de 06 de julho de 2015*. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 10 out. 2022.

BRASIL. *Decreto 10.502 de 30 de setembro de 2020*. Institui a Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida. Brasília, 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/D10502.htm. Acesso em: 10 out. 2022.

FERNANDES, Eulalia. *Linguagem e Surdez*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GESSER, Audrei. *LIBRAS? que língua é essa?* Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

_____. *O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender a LIBRAS*. São Paulo: Parábola, 2012.

QUADROS, Ronice Muller de. *Educação de Surdos: aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____. *LIBRAS: linguística para o ensino superior*. Editores científicos Tommaso Raso, Celso Ferrarezi Jr. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

SACKS, Oliver. *Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos Surdos*. Trad. de Laura Teixeira Motta. 1. ed. São Paulo. Companhia das letras, 2010.

SANTANA, Ana Paula. *Surdez e Linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas*. São Paulo, Plexus, 2007.

SCARPA, Ester Mirian. Aquisição da linguagem. In: MUSSALIM, F.; Anna Christina (Orgs). *Introdução à linguística e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.

SKLIAR, Carlos. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.